

Lendo e relendo

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

edições
sesc

Ouro sobre Azul

LENDO E RELENDO

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

LENDO E RELENDO

edições
Sesc

Ouro sobre Azul

Para Antonio Candido, in memoriam

🌸 APRESENTAÇÃO 🌸

Inquietação e curiosidade são traços do temperamento intelectual. Quando referidos à matéria literária, a tradição brasileira costuma destacar, por meio desses traços, as relações existentes entre crítica e criação, capazes de trazer à tona diálogos percorridos por anos de empenho.

Walnice Nogueira Galvão, ensaísta e crítica literária, estudou profundamente dois escritores do cânone brasileiro, Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, além de ter se voltado, também, para outras formas de arte, produzidas dentro e fora do Brasil, estabelecendo, em seus textos, um liame constante entre cultura e educação, pensamento e mudança social. *Lendo e relendo* oferece, justamente, oportunidade para conhecermos parte da produção dessa intelectual de destaque, apresentando uma série de trabalhos publicados de 1997 a 2018, entre artigos de jornais e revistas dos setores cultural e acadêmico, apresentações públicas, além de um texto inédito. A leitura desse livro propõe perspectivas e pontes com a produção sociocultural, sob um arco extenso de tempo, sempre voltado para temas relevantes.

Ao longo das quatro seções— FIGURAS, DUOS, PAISAGENS e FLAGRANTES —, o leitor vai tomando contato com literatura brasileira e estrangeira, teatro, cinema, artes plásticas, história, sociologia, teoria literária, política e políticas públicas através de análises penetrantes sobre cada uma dessas disciplinas. Assim, encontra um conjunto integrado da obra da professora emérita de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo, que foi a primeira assistente do ensaísta e crítico literário brasileiro Antonio Candido.

Assídua em veículos da imprensa e com 40 livros publicados, entre os quais *Os Sertões*, obra central de Euclides da Cunha coeditado em 2016 pelas Edições Sesc e pela Ubu Editora, na qual contribuiu com o estabelecimento de texto e a organização da fortuna crítica, Walnice Nogueira Galvão é exemplo de incessante vitalidade intelectual, característica evidenciada em *Lendo e relendo*.

Fomentar a publicação de obras de difusão crítica promove a fruição de saberes e o intercâmbio de interesses, além de reconhecer a cultura como um conjunto de dispositivos democráticos e emancipatórios. Nesse sentido, impulsionados por trocas entre obra e público, autor e leitor, o conhecimento e a reflexão são reconhecidos como bens comuns não pressupondo, portanto, a necessidade de que sejam identificados seus detentores.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

❁ ÍNDICE ❁

FIGURAS

- Uma legião chamada Poe* ❁ 13
Fernando Pessoa atravessa o Atlântico ❁ 19
A chegada de Casais Monteiro ❁ 33
Por falar em Oswald ❁ 42
I. *O grande ausente* ❁ 42
II. *Múltiplo* ❁ 48
III. *Dois poemas* ❁ 51
Proust e Joyce: o diálogo que não houve ❁ 55
Traduzir Joyce ❁ 67
Em busca de um Proust perdido ❁ 73
Castro Alves, o dramaturgo bissexto ❁ 78
Edmund Wilson, scholar ❁ 96
Ler Guimarães Rosa: um balanço ❁ 102
O Cântico dos Cânticos ❁ 116
Gilberto Freyre fala de Euclides ❁ 123
Presença da literatura
na obra de Sérgio Buarque de Holanda ❁ 133
Shakespeare: verbo que reverbera ❁ 152
Victor Hugo: a águia e o leão ❁ 165
O eleito, de Thomas Mann:
a arte da paródia e da ironia ❁ 195

DUO

- Gilda, um percurso intelectual* ❁ 227
Antonio Candido: vida, obra e militância ❁ 247
A militância não partidária ❁ 256
O valor da amizade ❁ 266
Perfis ❁ 272
Paixão secreta ❁ 277

PAISAGENS

- Achegas ao imaginário do sertão* ❁ 291
Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth ❁ 306
Introdução ao Modernismo ❁ 316
A saga da esquerda: 1964, 1968 e depois ❁ 330
Tusp: teatro estudantil e resistência ❁ 344
Estratégias identitárias na prosa literária ❁ 353

- As mulheres aprontam outra vez* 𐄎 367
Bibliotecas: 𐄎 375
I. *A aura das bibliotecas* 𐄎 375
II. *Tesouro no sertão* 𐄎 380
III. *A Brasileira Mindlin* 𐄎 384
IV. *A munificência das bibliotecas* 𐄎 388

FLAGRANTES

- Os rios da História* 𐄎 399
Manuel Bandeira ou as gavetas do escritor 𐄎 402
Lobato, o visionário 𐄎 407
Iracema ou a fraqueza da paixão 𐄎 410
A cortesã e o amor romântico 𐄎 413
Trópicos não tão tristes 𐄎 416
Outrora agora 𐄎 421
Quando menos é mais 𐄎 424
Indômita Pagu 𐄎 427
Notas extemporâneas 𐄎 434
I. *Fenômeno editorial* 𐄎 434
II. *Ata kafkiana* 𐄎 436
III. *A força da ideologia* 𐄎 438
Um ianque nos trópicos 𐄎 440
A volta do folhetim 𐄎 446
Haicais e grafites 𐄎 449
Um romance de Coetzee 𐄎 453
Michael Moore, escritor e cineasta 𐄎 456
O príncipe dos cinéfilos 𐄎 459
O grande Benedito Nunes 𐄎 463
Lendo O enigma de Qaf 𐄎 466
Um homem de teatro 𐄎 469
A Europa e os Estudos Brasileiros 𐄎 470
Três vezes Mário 𐄎 476
A propósito de Mirko 𐄎 482
O inconformista 𐄎 495
D. Sebastião abre alas e pede passagem 𐄎 498
A exposição Frida Kahlo 𐄎 504
Tusp: teatro estudantil e resistência /
Bibliografia 𐄎 509
Fontes dos textos 𐄎 510

❁ FIGURAS ❁

✿ UMA LEGIÃO CHAMADA POE

Tel qu'en Lui-même enfin l'éternité le change

Mallarmé, *Le tombeau d'Edgar Poe*

Deveria vigorar entre os direitos civis das crianças a inoculação de uma dose de Edgar Allan Poe logo na infância. Nunca mais perderiam a chave daqueles deliciosos calafrios de terror que suas estórias despertam.

Adequado à audiência juvenil até hoje, esse é um dentre os múltiplos registros de leitura que, como se sabe, Poe admite. As narrativas percorrem toda a gama dos horrores. Falam, por exemplo, de canibalismo – mas não praticado por canibais, o que seria por assim dizer natural, e sim por brancos civilizados iguais ao autor e aos leitores, na pele de naufragos à beira da inanição. O leitor assiste, arrepiado, ao sorteio de um deles para manducação dos demais e ao festim que se segue.

13

Mas não fica aí. Há que optar entre cair num poço sem fundo ou ser retalhado por um pêndulo afiado que se acerca. Há a morte pela peste assim como a incineração em vida. Há cataclismos e catástrofes pairando no horizonte. Há o encontro de um navio-fantasma, juncado de cadáveres em putrefação. Ou o azar de esbarrar num manicômio adepto de terapia copiada do linchamento sulista, que cobre as vítimas de alcatrão e plumas. Nesse universo macabro, um dos segredos sadomasoquistas de Poe é dar forma aos mais recônditos pavores arcaicos, de crianças e adultos.

Entretanto, também há os prazeres – e que prazeres – que o mestre da viagem maravilhosa oferece. Que criança não gostaria de ser pirata? E qual delas não sonhou decifrar um mapa desenhado a tinta invisível, para achar um tesouro enterrado, protegido por esqueletos e caveiras? Entre tantos sustos vicários, conta-se ainda o de ser arrebatado por sorvedouros e vórtices. Ou aportar na Lua de balão. Ou então enfrentar a alvura espectral da Antártida. Ou despençar no maelstrom e retornar são e salvo, embora o cabelo tenha encanecido no trajeto.

Mas a quintessência do pesadelo reside naquele que mais devia temer o próprio autor, tal a frequência com que vem e revém na sua pena: ser enterrado ou emparedado vivo.

Dentre as fantasmagorias oitocentistas, nada escapa à prosa oracular de Poe, cheia de presságios e premonições: a hipnose, a telepatia, o magnetismo, a catalepsia, o sonambulismo, os espectros, as almas penadas, as avantesmas, a transmigração dos espíritos, as assombrações mais diversificadas. Em suma, as incursões pelo sobrenatural ou pelos estados crepusculares entre a vigília e o sono. Potenciados pela ansiedade e a angústia, sucedem-se taras, incestos, maldições hereditárias, reminiscências atávicas, desdobramento do eu, mutilações, tortura, crime: crime perfeito porque gratuito, no entanto confessado devido a uma sinistra (masoquista?) compulsão pelo castigo. E ainda abria espaço para o grotesco, pelo qual se declarava afeiçoado.

14 Da legião chamada Poe, esse é apenas um, do qual se originam as eletrizantes antecipações de Jules Verne – tão racionais e saudáveis, quando comparadas às dele –, bem como, a partir daí, toda a *science-fiction*.

É esse Poe que se situa na confluência de várias tendências do romance “gótico” inglês, absorvendo elementos surgidos a partir da inauguração de um gênero bem setecentista, em *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole; nos livros de Ann Radcliffe, os mais lidos de seu tempo, com seus heróis byronianos; em *O monge*, de “Monk” Lewis; em *Vathek*, de Bedford; em *Frankenstein*, de Mary Shelley; em *Drácula*, de Bram Stoker; em *Memórias íntimas e confissões de um pecador justificado*, de James Hogg, só tardiamente reconhecido; em parte da obra de Walter Scott, admirador de Ann Radcliffe, sobre a qual escreveu; em *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson; nos muito discutidos *Manuscritos encontrados em Saragoça*, de Jan Potocki. Na sequência, até Dickens guardaria traços góticos que ainda alcançarão Faulkner. Sem esquecer, fora da esfera britânica e entre os primeiros românticos, os contos fantásticos de Hoffmann, que Poe foi acusado de imitar. Quase cem anos depois da inauguração, tais traços ainda ecoarão em meados

do século seguinte na França, nos romances de Victor Hugo e de Eugène Sue.

O gótico invoca as potências das trevas e exerce o ocultismo, os malefícios, a feitiçaria, a missa negra, a necrofilia, o culto ao demônio. Num clima onírico sepulcral, predominam o informe, o incríado, o inquietante. Compõem o cenário o castelo mal-assombrado e suas passagens secretas, portas falsas, alçapões. E também o cemitério, o mausoléu, o jazigo, as ruínas, a bruma, entre imagens dos mundos íferos, tais como o subterrâneo, o poço, a masmorra, o porão, o túmulo, o fosso, o túnel, a cripta. Pouco se disfarçam a tatanosiana sedução da morte e do aniquilamento, ou as profundezas abissais da paisagem e da psique. A prosa tempestuosa mimetiza as pulsões e as projeções do inconsciente, às voltas com a atração pelo sacrilégio e pela profanação. Ninguém discute que Poe pode ser visto como o maior dentre os góticos.

Também foi poeta, aliás afinado pelo diapasão do satanismo e do decadentismo, vertentes acentuadas no segundo romantismo, embora já deem sinais no primeiro. Goethe não desdenhou de oferecer um papel a Mefistófeles. Victor Hugo se debate com o desaparecimento de Deus e com o Diabo, em longos poemas míticos intitulados *Dieu* e *La fin de Satan*. Byron foi satanista convicto até no percurso existencial. Entre nós esteve presente nos byronianos, tendo como mais ilustre representante Álvares de Azevedo, que não se furta a pôr Satanás em cena. Incluem-se na tendência Gerard de Nerval, Baudelaire e Rimbaud, autor de *Une saison en enfer*.

Após parco reconhecimento em seu tempo e seu país, a reviravolta na recepção da obra de Poe deu-se mediante a descoberta póstuma pelos franceses. Poeta maldito *avant-la-lettre*, além de criar aqueles horrores, também se recomendava pela dipsomania, enquanto elogiava o ópio em seus textos.

Os românticos, como ninguém ignora, lançaram a moda dos tóxicos, por acreditarem que desencadeavam a inspiração e facultavam o transe. Poeta que se prezasse tomava ópio, como Coleridge, e descrevia suas viagens para os leitores. Popularidade não faltou às *Confissões de um comedor de ópio* de Thomas de Quincey, divul-

gadas por Baudelaire, que as traduziu e adaptou, acrescentado-lhes um estudo de próprio punho e dando ao conjunto o título de *Les Paradis Artificiels*. O próprio Baudelaire era usuário, como bem mais tarde Cocteau. Para Rimbaud e Verlaine, assim como para Poe, as bebidas espirituosas é que preenchem essa função. Mais para o *fin-de-siècle* os artistas passaram a tomar absinto, o qual, acusado de causar cegueira e loucura, encontra-se até hoje banido da França. Nos anos 30, Walter Benjamin não resistiu a provar o haxixe, e a *Beat Generation* de Kerouac, Ginsberg e Ferlinghetti fez do uso de várias drogas um programa e uma estética: vide *O almoço nu*, de William Burroughs. Não fica alheio Aldous Huxley, autor de *As portas da percepção*, em que tematiza a ingestão de ácido lisérgico.

16 Foi assim que um visionário anotador de alucinações – indisturáveis visitas pessoais –, acicatado pelo demônio da intemperança e sujeito a crises de *delirium tremens*, de que viria a morrer, acabou por se tornar epítome do poeta maldito. Veio pronto em obra e vida, a qual, atribulada, provou-se autodestrutiva como poucas. Seria curta, não ultrapassando os quarenta e um anos, que decorreram entre 1809 e 1849.

Após um século de psicanálise, não mais passam por tão inocentes os devaneios sulfúricos de Poe, a quem Marie Bonaparte, discípula dileta de Freud, consagrou um livro inteiro. Aliando dados da biografia a passagens da obra, Nabokov insinuou em *Lolita* a pecha da perversão, alçando Poe a precursor em pedofilia, para não falar em incesto. A começar por Virginia Clemms, esposa e prima, contando catorze anos (só dois mais que Lolita) quando se uniu ao marido de vinte e sete, que cedo a veria morrer de tuberculose. Em ANNABEL LEE, que dá a rima para “In a kingdom by the sea” – território imaginário onde se situa o poema – os amantes são crianças (*I was a child and she was a child*). As pistas levantadas por Nabokov dão-lhe parentesco com Lewis Carroll e sua atração por meninas. Mas outras pistas sugerem impotência, bloqueios sexuais etc. entre demais amenidades.

O líder da descoberta europeia foi Baudelaire, passando para o francês as *Histoires Extraordinaires*, propondo uma versão em prosa

de *Le corbeau*, tomando-o como objeto de estudos críticos. Mallarmé traduziu *Les Poèmes d'Edgar Poe* (inclusive, de novo, *O corvo*) e, à guisa de prefácio, compôs um soneto apologético, *Le Tombeau d'Edgar Poe*. Valéry voltou-se para a prosa de especulação cosmológica de *Eureka* e incorporou elementos da estética. Estes poetas identificaram-se com o doutrinador da poesia pura e da arte pela arte, ideais do parnasianismo e do simbolismo, bem como com o defensor da concepção do poeta enquanto criador voluntário comandando sua inspiração. É bem verdade que os estudiosos e artistas de língua inglesa são mais reticentes, mas ainda assim o louvam pela musicalidade do verso e pela força das imagens, em meio a uma atmosfera etérea e evanescente. De todo modo, a voga francesa foi tal que alguns críticos houveram por bem acautelar os leitores de que Edgar Allan Poe e *Edgarpo* não são a mesma pessoa.

Há mais um Poe, inventor da ficção policial e criador de Dupin, o primeiro detetive literário. São três os contos precursores: ASSASSINATO DE MARIE ROGÊT, OS CRIMES DA RUA MORGUE e A CARTA ROUBADA. A ênfase que Dupin punha na pura dedução intelectual faz dele ancestral imediato de Sherlock Holmes. Para seu fã Walter Benjamin, O HOMEM NA MULTIDÃO, ao colocar o homem moderno anônimo no seio das massas metropolitanas, cria o gênero. Lacan teve a honra de relançar Poe, ao dedicar nos *Écrits* todo um estudo a *A carta roubada*, com base na versão baudelaireana, no qual analisa a eficácia simbólica do objeto da narrativa.

Nos pequenos ensaios que publicou sobre temas variados – entre mistificações e apócrifos – sobressai outro Poe, exegeta da produção coeva, meditando sobre conto e sobre poesia, reputação que deve sobretudo a A FILOSOFIA DA COMPOSIÇÃO, meticulosa análise da maneira como concebeu *O corvo*. A este respeito, anote-se a pérfida observação de T. S. Eliot, para quem a análise é bem melhor que o poema. Entre nós, tornou-se canônica a tradução via Baudelaire feita por Machado de Assis, que não escapou ao mais célebre de seus poemas.

Num último avatar, Poe tem sido estimado como ourives do conto, tal a perfeição com que burila o mecanismo dessa variante épica,

18 que privilegiou na teoria ao ressaltar três de seus elementos: a estrutura condensada num efeito único, o preparo do clímax ou desenlace, a economia de meios. Uma dupla posteridade resultará. A primeira delas ficcional, graças à hegemonia da *short story* na prosa norte-americana moderna, a partir daí se expandindo pelo mundo até desembocar em seu discípulo Jorge Luis Borges, que sobre o mestre escreveu mais de uma vez: também ele tem em maior estima as narrativas que a poesia, concordando com T.S. Eliot quanto ao interesse da prosa exegética. E a segunda, crítica, que o considera modelar, como teórico e praticante do conto. Mesmo que a tradição anglo-saxônica se mostre dividida, dentre os admiradores que lhe dedicaram reflexões destacam-se dois ficcionistas, seus prefaciadores Dostoiévski e Cortázar, bem como três críticos conterrâneos da maior relevância: Harry Levin, Leslie Fiedler e Toni Morrison.¹ Para não falar no grande mestre da estilística alemã, Leo Spitzer, autor de um dos melhores ensaios a seu respeito. Ainda assim, vale dizer que a crítica, sobretudo a de língua inglesa, mostra-se incerta a respeito de um autor que não obteve em sua própria língua a unanimidade que foi seu quinhão na França. ❀

1 ❀ Harry Levin, *The Power of Blackness: Hawthorne, Poe, Melville*. New York: Knopf, 1958. Leslie Fiedler, *Life and Death in the American Novel*. New York: Criterion Books, 1960. Toni Morrison, *Playing in the Dark – Whiteness and the Literary Imagination*. New York: Random House/Vintage Books, 1993.

 FERNANDO PESSOA
ATRAVESSA O ATLÂNTICO

Uma afirmação de Robert Bréchon, nas 600 páginas da primeira grande biografia do poeta escrita por um estrangeiro,¹ instigou o levantamento deste percurso. Diz Bréchon que desde o final dos anos 50 tornara-se premente a necessidade de uma edição mais sistemática da obra poética de Fernando Pessoa. A afirmação segue-se ao exame da edição em vários volumes da Ática, tendo na capa a vinheta de Pégaso desenhada por Almada Negreiros, a cargo de João Gaspar Simões e Luis de Montalvor, que foi aparecendo de 1942 a 1946. A esses seguiram-se outros volumes, devidos a organizadores e editores variados, publicando inéditos que foram surgindo. Assim saíram os poemas dramáticos, as quadras, os poemas ingleses, e muitos outros: o lapso de tempo se expande e chega a perto de trinta anos. Sem falar na prosa e na correspondência, que cobririam um período ainda maior.


19


Mas, “curiosamente”, aduz Bréchon, essa tão crucial edição sistemática, em vez de sair em Portugal, sai no Brasil, o que acha difícil de compreender. Consolidada num único volume em 1960 pela Aguilar, foi preparada pela competente pessoana Maria Aliete Galhoz, em edição que se tornaria canônica.

Só estranha quem nada sabe da verdadeira febre de Fernando Pessoa que se tinha alastrado pelo Brasil. A primeira popularização do poeta se fez nos trópicos e não em Portugal, e isso em circunstâncias que examinamos a seguir.



Enquanto novas de um grande poeta já ressoavam por estas plagas há tempos, alguns dos marcos do percurso a seguir indicados² sugerem que três canais principais se responsabilizaram por essa repercussão.

1  Robert Bréchon, *Etrange Étranger*. Paris: Christian Bourgois, 1996, p. 561.

2  Nelson H. Vieira, *Brasil e Portugal – A imagem recíproca*. Lisboa: ICALP, 1991.

Em primeiro lugar, na era anterior à mídia visual, e de valia hoje incalculável, as revistas bem como os suplementos literários d'aquém e d'além-mar. Livros, de produção mais lenta, bem menos, porque quando Pessoa morreu em 1935, só *Mensagem* fora publicado, um ano antes, e a edição de sua obra completa pela Ática só se iniciaria em 1942. Somam-se os volumes devidos aos divulgadores, sendo desse mesmo ano a antologia *Fernando Pessoa – Poesia*, de Adolfo Casais Monteiro.

Em segundo lugar, o trânsito de escritores, fossem poetas ou críticos.

E um terceiro canal, em que nos deteremos adiante, se encarregaria da considerável popularização, rara para um poeta, que sua obra teria em nosso país.

PERIÓDICOS D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR

20

Dentre nossas revistas e suplementos literários mais salientes que mostraram interesse pelo poeta destaca-se, em primeiro lugar, o *Boletim de Ariel* (nº 7, abril 1938), com estudo de Adolfo Casais Monteiro, O EXEMPLO DE FERNANDO PESSOA, transcrito do *Diário de Lisboa*. E alguns poemas duas outras vezes no mesmo ano: no nº 11, de agosto, e no nº 12, de setembro.³ Ainda nesse ano, a *Revista do Brasil* estamparia artigo de João Gaspar Simões, A APRESENTAÇÃO DE FERNANDO PESSOA, em seu número de novembro de 1938.⁴ Até então, só matérias da autoria de portugueses.

Entre os brasileiros que primeiro escreveram sobre o poeta figuram:⁵ Domingos Carvalho da Silva, em dois artigos no *Correio Paulistano* (19.9.1943 e 6.2.1944), comentando a antologia de Casais Monteiro; Antonio Candido, em uma resenha do primeiro volume da Ática contendo a poesia do ortônimo, na revista *Clima* (nº 14,

3 🌸 Arnaldo Saraiva, *O modernismo brasileiro e o modernismo português*. Porto: Gráfica Rocha, 1986, p. 212.

4 🌸 K. David Jackson, PATRÍCIA GALVÃO ESCREVE SOBRE PESSOA NO BRASIL, 1955-1961, em *Colóquio Letras*. Lisboa: nº 176, janeiro 2011, p. 196.

5 🌸 K. David Jackson, ob. cit., p. 196.

setembro de 1944); Murilo Mendes, na *Folha da Manhã*, de Recife (10.12.1944). E Geraldo Ferraz, que fez uma grande reportagem no *Diário de S. Paulo*, no suplemento de literatura e artes intitulado QUARTA SEÇÃO (1.12.1946), com miniantologia dos heterônimos e do ortônimo. Lúcio Cardoso escreveria mais de uma vez, entre 1946 e 1950, em *Letras Brasileiras* e no suplemento *Letras & Artes*, de *A Manhã* (julho de 1946 e dezembro de 1950). Nesse suplemento também saíram um artigo de J. S. Silva Dias (3.6.1948) e nove poemas (17.10.1948).⁶ E a torrente não cessaria, aos poucos engrossando em caudal.

PAGU

No quadro dos periódicos, ocupa lugar de relevo na propaganda de nosso poeta Patrícia Galvão, a Pagu da gesta modernista – parceira de Oswald de Andrade na *Revista de Antropofagia* e no jornal *O homem do povo* –, fã calorosa de Pessoa. Passada a fase modernista e militante, após muitas prisões e experiência tanto de proletarização quanto de clandestinidade, a autora comunista e feminista do romance *Parque industrial* romperia as amarras partidárias, passando a se dedicar ao jornalismo profissional. Entretanto, espírito libertário, continuaria a empunhar a bandeira do Modernismo e a investir contra tudo que fosse retrógrado, na arte ou na vida.

Defendeu sistematicamente as vanguardas e a experimentação artística, consagrando sua pena à propaganda das principais figuras e dando destaque dentre todas a Fernando Pessoa. Embora seja pouco citada, Pagu divulgou-o incansavelmente desde um primeiro artigo no *Fanfulla*, em 1950.

O recente resgate de sua produção jornalística⁷ enfatizou o papel

6 ❁ K. David Jackson, ob. cit., p. 197.

7 ❁ Em vias de ser efetuado por K. David Jackson e planejado como antologia em 4 volumes: v. I – *O jornalismo de Patrícia Galvão. A denunciada denuncia: Pagu e a política* (1931-1954). v. II – *Da necessidade da literatura (De Arte & Literatura/Lições de literatura)*. v. III – *Palcos e atores: teatro mundial contemporâneo*. v. IV – *Antologia*

de liderança que teve na recepção crítica de nosso poeta.⁸ De sua pena saíram, vinculados a Pessoa, reportagens, crônicas, análises críticas, resenhas de livros, artigos, incluindo um testemunho do Recital Fernando Pessoa na voz de *Os Jograis*, em 1955. Para aquilatar a relevância de suas escolhas: comentou, cada qual a seu tempo, os *Estudos sobre Fernando Pessoa* de Casais Monteiro (1958), a *Obra poética* da Aguilar e a antologia de João Gaspar Simões publicada no Brasil (1961). Atenta ao plano internacional, anotou em 1960 a inclusão de Pessoa na série *Poètes d’Aujourd’hui* da Editora Seghers, em tradução de Armand Guibert que incluiu a ODE MARÍTIMA.⁹

E fundaria em Santos, cidade na qual residiria pelo resto da vida e onde seria agitadora cultural de primeira plana, o Centro de Estudos Fernando Pessoa (1955). Sua amizade com o grande crítico pessoano Casais Monteiro em fase brasileira – autor em 1959 do prefácio à segunda edição de *A famosa revista*, romance de Pagu em parceria com Geraldo Ferraz¹⁰ – garantiria a comunhão no culto ao poeta.

22

MEDIADORES – CECÍLIA MEIRELES

Entusiasta precoce da poesia pessoana, Cecília Meireles figura entre os primeiros a torná-la conhecida no Brasil, e até mesmo em Portugal. A ponto de Eduardo Lourenço afirmar que foi por intermédio de sua antologia que ouviu falar em nosso poeta.¹¹ Cecília foi o primeiro escritor brasileiro a reconhecer o cunho excepcional de sua

da literatura estrangeira: Os grandes autores mundiais. Ver também, de K. David Jackson: A DENUNCIADA DENUNCIA – PAGU AND POLITICS, 1931-1954, em *Literature and Arts of the Americas*. Issue 73, v. 39, nº 2, 2006, p. 228-235; e UMA EVOLUÇÃO SUBTERRÂNEA: O JORNALISMO DE PATRÍCIA GALVÃO, em *Revista IEB*. São Paulo: nº 53, março/setembro 2011, p. 31-32.

8 🌸 K. David Jackson, ob. cit., p. 194.

9 🌸 K. David Jackson, *Ibid.*, p. 194.

10 🌸 K. David Jackson, *Ibid.*, p. 196.

11 🌸 Leila V. B. Gouvêa, *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 71.

arte,¹² no prefácio a *Poetas novos de Portugal* (1944), que organizou, conferindo-lhe lugar de destaque.

A adesão é inaugural e ardorosa, pois já em 1929, em sua tese *O espírito vitorioso*, Cecília transcrevia trechos da ODE TRIUNFAL.¹³ Foi dos primeiros a apresentá-lo ao Brasil, mas também foi, logo após Casais Monteiro com *Fernando Pessoa – Poesia*, de 1942,¹⁴ dos primeiros a apresentá-lo a Portugal.

Para não haver dúvida quanto ao prestígio de Cecília em terras lusitanas, em 1938 seu livro *Viagem*, publicado em Lisboa pela editora Ocidente, conquistou o prêmio da Academia de Letras daquele país, para consternação dos candidatos nativos e seus patronos, provocando polêmica que se estendeu aos jornais. Também ganharia o prêmio da Academia Brasileira de Letras. E, como esta instituição ainda era meio impermeável ao Modernismo, aqui igualmente, embora por outras razões, o galardão atribuído a *Viagem* suscitou protestos.

À época, Cecília era de longe o mais popular poeta brasileiro em Portugal: e era mesmo mais considerada lá que em sua terra.¹⁵ Casada com um português, Fernando Correia Dias, pintor e ilustrador, desde 1934 já visitava o país, aonde voltaria com frequência, fazendo amizade com intelectuais e artistas. Seu marido e Pessoa tinham sido colaboradores na revista *Águia*, anteriormente. E quase teve um encontro, infelizmente gorado, com o confrade a quem tanto admirava.

O desencontro, que deixou Cecília esperando por várias horas no local combinado, A Brasileira do Chiado, onde Pessoa marcava ponto quase diário, não impediria o poeta de deixar no hotel dela um exemplar de *Mensagem*, recém-saído do forno, com a seguinte

12 ❁ Arnaldo Saraiva, ob. cit., p. 213.

13 ❁ Leila V. B. Gouvêa, ob. cit., p. 67.

14 ❁ A antologia de Cecília Meireles (*Poetas novos de Portugal*, 1944) é precedida em dois anos pela de Adolfo Casais Monteiro (*Fernando Pessoa – Poesia*, 1942), que então abria caminho como uma das maiores autoridades em nosso poeta.

15 ❁ Leila V. B. Gouvêa, ob. cit., p. 85.

dedicatória: “A Cecília Meireles, alto poeta, e a Correia Dias, artista, velho amigo e até cúmplice (vide *Águia* etc.), na invocação de Apolo e de Atena, / Fernando Pessoa/ 10-XII-1934”. O exemplar foi um dos primeiros a ser presenteado, pois a data é a mesma dos que ofertou à namorada Ofélia Queirós e ao sobrinho dela, seu amigo Carlos Queirós. Cecília responderia com um cartão de agradecimento, assinado conjuntamente com o marido, cartão que se encontra no Espólio Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional, em Lisboa.¹⁶ Mais tarde, sua amizade com Ruy Affonso pesaria na escolha do repertório privilegiando nosso poeta na estreia de *Os Jograis*.

Além de Luis de Montalvor em 1913 e de Correia Dias em 1914, este último aqui permanecendo até a morte, outros portugueses amigos de Pessoa que andaram pelo Brasil foram Veiga Simões, Álvaro Pinto, Jaime Cortesão, Carlos Lobo de Oliveira, Antonio Ferro, José Osório de Oliveira.¹⁷ Entretanto, ao que parece, não cuidaram de aumentar sua repercussão.

24

DIPLOMATAS

Dentre os confrades, Mário de Andrade não lhe deu muita atenção. Afora o sempre citado *UMA SUAVE RUDEZA* (1939), sobre poesia portuguesa, de *O empalhador de passarinho*, quase nunca o menciona. Entretanto, guardava em sua biblioteca, hoje no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, a revista *Contemporânea* nº 1, maio de 1922, em que saiu *O BANQUEIRO ANARQUISTA*. Assim como conservaria a *Homenagem a Fernando Pessoa*, publicada por Carlos Queirós em 1936, no ano seguinte à morte do poeta.¹⁸

Convém não esquecer, nos anos 30 e 40, a mediação exercida por diplomatas brasileiros que também eram escritores, em geral ligados ao Modernismo, como Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto e o crítico Álvaro Lins.

16 𐀀 Arnaldo Saraiva, ob. cit., p. 214.

17 𐀀 Arnaldo Saraiva, ob. cit., p. 211-212.

18 𐀀 Arnaldo Saraiva, ob. cit., p. 211 e 213.

Com todo o seu prestígio de participante da Semana de Arte Moderna de 1922, Ronald de Carvalho seria diplomata de carreira e só não atingiu cargos no topo da hierarquia porque morreu cedo. Conheceria nosso poeta em 1914, quando passaram a se corresponder. Foi co-diretor, com Luis de Montalvor, da importante revista do Modernismo português *Orpheu*, por cuja divulgação tanto se empenhou Pessoa. Ronald participou apenas do primeiro número, mas foi membro entusiasmado da revista, na qual publicou poemas. Todavia, nada escreveu sobre Pessoa.

Outro modernista, Ribeiro Couto, teria o posto de encarregado de negócios em Lisboa de 1944 a 1946. Influenciou particularmente Casais Monteiro, de quem se tornou grande amigo e para quem funcionou como iniciador na literatura brasileira contemporânea. Casais interessou-se pela obra do amigo, publicando em 1935 a plaquete *A poesia de Ribeiro Couto*.¹⁹ A correspondência que trocaram vem de ser coligida e editada.²⁰

O crítico Álvaro Lins, que, sem ser de carreira, ocuparia altos cargos públicos internacionais, lecionou letras em Lisboa entre 1952 e 1954, e seria embaixador em Portugal entre 1956 e 1959. Contribuindo para o campo que nos concerne, escreveu, com Aurélio Buarque de Holanda, *Roteiro literário do Brasil e de Portugal*, em dois volumes (1956).

CASAIS MONTEIRO

Quando saiu a transcrição de seu artigo no *Boletim de Ariel* (1938), o crítico português iniciava a jornada que o consagraria como um grande estudioso de Pessoa. A ele fora endereçada a famosa carta dos heterônimos, escrita de próprio punho pelo poeta, documen-

19 🌿 Leyla Perrone-Moisés, A CRÍTICA VIVA DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO, em Fernando Lemos e Rui Moreira Leite (org.), *A missão portuguesa – Rotas entrecruzadas*. São Paulo: Unesp/Edusc, 2002, p. 56-57.

20 🌿 Rui Moreira Leite (org.), *Correspondência Casais Monteiro – Ribeiro Couto (1931-1962)*. São Paulo: Unesp, 2012.

to único no gênero. Influente crítico, tornar-se-ia diretor da revista *Presença* em 1931; a revista seria fechada em 1940. Sua antologia *Fernando Pessoa – Poesia*, de 1942, foi fundamental para o estudo e a repercussão de nosso poeta.

Viria de mudança para o Brasil em 1954. Impedido de trabalhar em Portugal, proibido de dar aulas e de publicar, preso várias vezes, não viu outro caminho senão exilar-se. Sua imigração foi cuidadosamente planejada e, por sorte, afora os esforços e a acolhida dos brasileiros, coincidiu com a realização do IV Centenário de São Paulo, então em vias de ser preparado com muitos recursos e propaganda.

26 Dos dois trabalhos que lhe solicitaram – e só a ele, aos demais apenas um –, um deles era FERNANDO PESSOA, O INSINCERO VERÍDICO, e ambos seriam publicados nos *Anais*. No mesmo ano, sairia *Alguns dos “35 sonetos” de Fernando Pessoa*, em edição bilíngue, com traduções suas e de Jorge de Sena. Era o bastante, não só para lhe dar a visibilidade necessária mas também para fixar seu estatuto de crítico pessoano extraordinário. Estatuto a que continuaria a fazer jus em sua carreira brasileira – que seria longa e profícua – de professor universitário, crítico de jornal, em especial do famoso Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*,²¹ e autor de livros dedicados ao poeta. A essa altura, já tinha dois tentos a seu favor ainda em Portugal: a carta dos heterônimos e a organização da primeira antologia do poeta.

Já em 1957, quando a coleção de antologias *Nossos Clássicos*, da Agir, resolveu estreitar com Pessoa, que não é brasileiro, provocaria reações nacionalistas da crítica e os protestos de Casais Monteiro contra essa atitude chauvinista.²² Foi então que Casais passou a encarar com maior vigor e rigor de análise as convergências entre os patrimônios culturais das duas nações de mesma língua, falando e escrevendo regularmente sobre o tema.

21 🌿 Ver ARTIGOS DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO PUBLICADOS NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DE O ESTADO DE S. PAULO. M. M. T. Gonçalves, Z. T. de Aquino e Z. M. Bellodi (org.), *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, nº 12, Unesp - Araraquara, 1983.

22 🌿 Leyla Perrone-Moisés, ob. cit., p. 57.

Sua atuação, verdadeira missão dedicada a nosso poeta, seria completada pela publicação no Brasil de *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*, em 1958, e da antologia *A poesia de Presença* em 1959. E, afora os escritos, seria incansável em dar cursos nas universidades em que lecionou, cuidando da ressonância dessa obra entre os alunos de Letras. Estes, por sua vez, expandiam tal ressonância em suas próprias aulas no secundário. Na Faculdade de Filosofia da Maria Antonia, onde então se diplomava a maioria deles, tornou-se moda circular sobraçando os volumes da *Ática*, reconhecíveis pelo cavalinho alado, sinal de que o portador era um dos iniciados.

OS JOGRAIS

A cidade de São Paulo, na década de 1950, tinha um centro urbano onde tudo se passava. No plano das artes, são os anos de iniciativas admiráveis como a Vera Cruz e o Teatro Brasileiro de Comédia. A primeira era uma companhia de cinema, com estúdios e ambição hollywoodianos, que por algum tempo produziu filmes da maior relevância, tirando o cinema brasileiro do amadorismo e do aleatório. O Teatro Brasileiro de Comédia, ou TBC, elevou a arte a um nível de profissionalismo e ampliação de repertório, que assentaria as bases do teatro moderno em nossas terras.

Tudo convergia para um polo onde ficavam a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Arquitetura e a Faculdade de Economia, todas da USP, bem como a Escola de Sociologia e Política, mais o sistema educacional secundário e universitário do Mackenzie, acrescido pelo Colégio Rio Branco e pela Escola Normal Caetano de Campos. Nas adjacências, livrarias sofisticadas como a Pioneira, a Duas Cidades, a Jaraguá, a Partenon, a Francesa. O conjunto formava um complexo de urbanismo metropolitano que já vinha desde os tempos do início da Faculdade de Filosofia em 1934,²³ com seus professores estrangeiros.

23  Na rua Maria Antonia 294, a partir de 1949.

Só depois de 1968 esse harmonioso complexo seria detonado, pulverizando-se e dispersando seus cacos pelo resto da cidade, quando não os aniquilando. A ditadura não permitiria que os tumultos estudantis daquele ano se repetissem e tratou de transferir as escolas para longe, em velha tática empregada também em outras latitudes. Desde então São Paulo ficou policêntrica – com pequenos centros parciais distribuídos pelos bairros – e sem centro, sendo que este entrou em derrocada, esvaziou-se de seus habitantes e se tornou marginal, destino comum à *inner city* nas Américas. Após um tempo de abandono, ainda recalitra ante os esforços para revitalizá-lo, em toda a imponência de sua arquitetura.

28

A malha urbana da região era constituída por uma alta concentração cultural por metro quadrado. Ali erguiam-se o Teatro Municipal, o Teatro de Cultura Artística e a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de visitação diária, sobretudo para os “adoradores da estátua”, que se reuniam ao pé de *A Leitura* no saguão. Em não mais que uma dúzia de quarteirões ficavam ainda o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, afetuosamente chamado de Clubinho, a Biblioteca Infantil, o Teatro Leopoldo Fróis e a Aliança Francesa.

E, afora o Museu de Arte Moderna na 7 de abril, com seu bar e uma ativíssima Filmoteca, como então se chamava a futura Cinemateca, oferecia uma constelação de majestosas salas de cinema, nenhuma com capacidade abaixo de mil assentos. Eram elas o Art Palácio, com mais de 3 mil, construído por um reputado arquiteto da época, Rino Levi; e o Marabá, o Ipiranga, o Normandie, o República, o Metro, entre outros.²⁴ O Marrocos sediou o festival internacional de cinema do IV Centenário de São Paulo, quando ali pousaram não só a mundanidade de uma delegação do *star system* hollywoodiano para embasbacar os circunstantes, mas também monumentos da sétima arte como Erich von Stroheim, Abel Gance, Henri Langlois, André Bazin. De Stroheim viu-se uma retrospecti-

24 🌸 Inimá Simões, *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Secretaria Estadual de Cultura, 1999.

va de filmes mudos. Também do cinema mudo e um de seus maiores diretores era Abel Gance, que trouxe *Napoléon*, clássico aqui exibido atendendo a todas as suas exigências de vários projetores. Henri Langlois, inventor da cinemateca, foi o criador da Cinemathèque Française e seu diretor: mais tarde, sua demissão sumária pelo governo seria o estopim do Maio de 68 em Paris. Por sua vez, André Bazin até hoje é considerado o maior crítico que o cinema já teve. Esse era o modesto naípe que veio prestigiar o festival.²⁵

Em apenas uma dúzia de quarteirões, esse era o perímetro mais efervescente da cidade. No coração do perímetro lá estava o novíssimo Teatro de Arena,²⁶ de José Renato, tendo anexo o bar Redondo, sempre cheio. Foi nesse teatro que *Os Jograis*, ao mesmo tempo índice e disseminadores da popularidade de nosso poeta, estrearam e permaneceram em longa temporada com o Recital Fernando Pessoa, tornando-o um programa metropolitano obrigatório: ninguém podia deixar de assisti-lo.

29

O novo grupo estreou a 16 de maio de 1955. Quem declamava era um quarteto masculino, nas primeiras apresentações ainda de smoking. O líder, Ruy Affonso – cuja amizade com Cecília Meireles²⁷ seria decisiva na escolha do poeta português para lançamento do grupo – mantinha-se fixo, revezando-se com maior ou menor frequência os demais: Rubem de Falco, Felipe Wagner, Ítalo Rossi, Maurício Barroso, Carlos Vergueiro, Raul Cortez, Carlos Zara e

25 🍀 *Festival Internacional de Cinema de 1954*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2004, p. 4-59.

26 🍀 O livro de Cláudia de Arruda Campos sobre o Teatro de Arena é indispensável para uma análise da implantação dessa casa de espetáculos, de suas conexões com o restante do centro da cidade e da sociabilidade de que era foco. Cláudia de Arruda Campos, *Zumbi, Tiradentes e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

27 🍀 Ruy Affonso, CECÍLIA MEIRELES, AMIGA, em Leila V. B. Gouvêa, *Ensaio sobre Cecília Meireles* (org.). São Paulo: Humanitas, 2007.

tantos outros.²⁸ Pagu foi um dos fãs que assistiriam o espetáculo e depois escreveriam a respeito.

Seu êxito foi imediato e estrondoso, e quando no ano seguinte excursionaram ao Rio, precedidos da reputação paulistana, apresentaram-se num palco de extraordinário prestígio, o auditório do Ministério da Educação. Primeiro edifício público modernista do país, assinado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, com assessoria de Le Corbusier, foi cantado em verso e prosa tanto por cronistas quanto por poetas. Vinicius de Moraes dedicou-lhe o belo poema AZUL E BRANCO, cujo refrão brinda os azulejos de Portinari conforme o mote dado por Pedro Nava: “Concha e cavalo marinho”. Pronto em 1947, o edifício era a concretização arquitetônica dos novos padrões estéticos, enquanto Brasília, a ser inaugurada em 1960, mal se delineava no horizonte. No auditório de 800 lugares comprimiam-se nesse dia 2 mil pessoas, na estreia da temporada carioca.²⁹

30 Logo *Os Jograis* gravariam o disco *Fernando Pessoa* (1957), tão disputado que exigiria sucessivas tiragens. O grupo passou a ser atração obrigatória nas principais celebrações do país, como o IV Centenário do Rio de Janeiro (1965) e o 50º Aniversário da Semana de Arte Moderna (1972).

Tal êxito, que já ultrapassou meio século de existência, pode ser aquilatado pelo fato de ter contribuído para a língua portuguesa se não com um neologismo, pelo menos com um deslocamento semântico. Ao utilizarem seu rótulo como litotes, procuravam com modéstia identificar sua performance à de artistas ambulantes como os saltimbancos e trovadores. Todavia, passaram involuntariamente a ser imitados em tudo quanto é festinha de escola e de paróquia, “fazer um jogral” tornando-se sinônimo de qualquer declamação coletiva. O novo significado não alcançou o Dicionário Aurélio, mas, com a data de entrada no léxico português devida-

28 🐞 Ver depoimento de Ruy Affonso sobre a criação de *Os Jograis*, em DE COMO NASCERAM OS JOGRAIS, em *Teatro Brasileiro*. São Paulo (5): 23, março 1956.

29 🐞 Ruy Affonso, CECÍLIA MEIRELES, AMIGA, ob. cit.

mente registrada, já figura no Houaiss. Nesse sentido, inédito até então, é ainda hoje utilizado.

E deflagrou outros usos. Batizou a boate Jogral, que ficava na Galeria MetrÓpole ao tempo em que um dos epicentros de São Paulo passava por aquele quarteirão: atrás da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, onde se localizavam, entre outros, o Paribar, o Barbazul e o Arpège na São Luiz.³⁰ Logo adiante, vicejaria por curto período o João Sebastião Bar, com seus shows de bossa nova. Entre as muitas boates da região a atrair a freguesia distinguiam-se o Michel, a Baiúca, a Oasis. O Jogral, importante casa noturna, mudou-se para a Rua Avanhandava em 1968, ainda no centro, onde resistiria até 1971, quando fechou as portas devido à morte do dono, o compositor Luiz Carlos Paraná, parceiro de Adauto Santos, que se apresentava ao violão. O bar era frequentado por intelectuais e artistas, e entre muitos outros por Marcus Pereira e por Paulo Vanzolini, que lá cantava informalmente.

Na condição de filhote do TBC, os componentes de O Jogral pertenciam a esse teatro mas, sobretudo, representavam a *dicção TBC*: típica pronúncia paulistana de alta burguesia, escoimada de qualquer resquício estrangeiro, sobretudo italianado, como era comum em São Paulo. A voz impostada no laboratório dos mesmos mestres lhes dava um ar de família mediante uma fala meio empolada, verificável ainda hoje nos discos que deixaram.

Na sequência, *Os Jograis* faziam espetáculos de declamação dedicados a outros poetas. Realizaram 1.200 recitais com 35 diferentes programas, em turnês por todo o Brasil, Portugal, Angola e México. Em Portugal, apresentaram-se no Teatro D. Maria II a convite do governo português, com tal sucesso que acabariam por cobrir todo o país com 40 shows, em 1957, contribuindo também lá para a popularização de Fernando Pessoa. Celebrando um pessoano por-

30 ❁ Lúcia Helena Gama, *Nos bares da vida – Produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo: Senac, 1998. Bento Prado Jr., A BIBLIOTECA E OS BARES NA DÉCADA DE 50, *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, nº 50, 1992.

tuguês, fariam um espetáculo em Araraquara, nas homenagens de despedida a Jorge de Sena, que se transferia para os Estados Unidos, em fins de 1965.

Afora os shows, gravariam vários discos. Ruy Affonso, ator, fora em 1948 um dos fundadores do TBC, teatro destinado inicialmente à apresentação de trupes de amadores, como integrante do Grupo Universitário de Teatro, liderado por Décio de Almeida Prado, que o convidou. Já no segundo ano passaria a profissional. Foi ele a mola-mestra do grupo, desde a fundação até sua morte.

Tempos depois, o espólio de Ruy Affonso seria adquirido por Alex Ribeiro. O arquivo carinhosamente preservado é bem completo na documentação de *Os Jograis*, constando de seu site³¹ até a foto de cada programa, ali esmiuçado, acrescentando-se o histórico e os discos.



- 32 Esta arqueologia da recepção crítica de Pessoa em nosso país dedica-se a reconstituir os primeiros lances de sua pré-história. Com o passar do tempo, e sem esquecer o papel que *Os Jograis* desempenharam nesse percurso, foram surgindo um sem-número de artigos, cursos, teses, colóquios e publicações de todo tipo, inclusive a sempre citada *Obra poética* da Aguilar (1960). Pontos altos da crítica brasileira seriam os livros especificamente sobre o poeta, assinalando novas contribuições destas plagas. ✿

31 ✿ Alex Ribeiro, www.futurart.com.br, www.futurart.com.br/ruy, www.jograis-desaopaulo.com.br, www.jograis.com.br. Acesso em 1/5/2011.

Esta obra reúne parte significativa da escrita inquieta da ensaísta e crítica literária Walnice Nogueira Galvão, cujos textos, trazidos a público entre 1997 e 2018, encontravam-se dispersos em jornais e revistas culturais e acadêmicas.

O talento, a erudição e a ironia fina da autora têm a literatura como referência primeira, ao mesmo tempo que se abrem às demais linguagens artísticas, aliando-se à reflexão sobre questões teóricas, sociais e políticas.

Edições Sesc São Paulo
ISBN 978-85-9493-209-9



Ouro sobre Azul
ISBN 978-85-8877-789-7

